

VARIAÇÃO NÓS E A GENTE NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

VARIATION "NÓS" AND "A GENTE" IN THE SUBJECT POSITION IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY SERRA DAS VIÚVAS

Maria Helena Menezes de Souza

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

UFAL

Resumo: Neste estudo, traçamos o perfil sociolinguístico dos falantes não escolarizados da comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL em relação à variação nós e a gente na posição de sujeito. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorremos ao pressuposto teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), que trata dos fenômenos variáveis. Para a análise quantitativa dos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que delimitou as variáveis estatisticamente significativas na variação em estudo, mostrando-nos que a gente é a variante preferida para ocupar a posição de pronome de primeira pessoa do plural. Os resultados também mostram que essa variação é condicionada pelas variáveis paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero, preenchimento do sujeito e determinação do referente, levando-nos a argumentar que, na fala dos quilombolas não escolarizados, há um contexto linguístico variável na representação pronominal de primeira pessoa do plural.

Palavras-chave: Variação Linguística; Comunidade Quilombola Serra das Viúvas; Nós e a gente; Posição de sujeito.

Abstract: In this study, we traced the sociolinguistic profile of non-schooled speakers from the quilombola community Serra das Viúvas/Água Branca-AL in relation to the variation nós and a gente in the subject position, in order to analyze how this variation occurs in the community. For the development of this research, we used the theoretical-methodological assumption of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008 [1972]), which deals with variation and linguistic change and discusses the variable uses of language in its social context. For the quantitative analysis of the data, we used the computer program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), which delimited the statistically significant variables in the variation under study, showing that there is variation between nós and a gente in the studied community, as well as that a gente is the preferred variant to occupy the first person plural pronoun position. The results also show that this variation is conditioned by the variables formal parallelism, morphic mark, age group, sex/

gender, subject filling and determination of the referent, leading us to argue that, in the speech of quilombolas without schooling, there is a linguistic context variable in the first person plural pronoun representation.

Keywords: *Linguistic variation; Quilombola Community Serra das Viúvas; Nós and a gente; Subject position.*

INTRODUÇÃO

A alternância das variantes *nós* e *a gente* na posição de sujeito tem sido um dos fenômenos linguísticos variáveis muito estudado nas diversas regiões do Brasil (cf. VIANNA; LOPES, 2015), sendo essa variação considerada um processo de mudança (LABOV, 2008 [1972]). Um fenômeno que perpassa por todas as faixas etárias e todos os graus de escolarização do falante. A alternância de *nós* e *a gente* não é apresentada no quadro dos pronomes pessoais de caso reto do português brasileiro, nem se quer mencionada por manuais normativos, como os de Bechara (2008) e Cunha e Cintra (2008), entretanto, é observável em todos os ambientes nos quais a oralidade é posta em funcionamento.

De forma geral, observamos que os resultados obtidos, através das descrições sociolinguísticas, mostram a presença constante da variação entre as formas *nós* e *a gente*, seja na fala culta ou na não culta, com a predominância da variante *a gente*, que, aparentemente está livre de um julgamento social negativo (FREITAG, 2016; VITÓRIO, 2017a), pois circula facilmente por diversos ambientes e contextos sociais. Com o objetivo de contribuir para o mapeamento sociolinguístico desse fenômeno linguístico variável, focalizamos a alternância *nós* e *a gente* na comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada na região do sertão de Alagoas.

Para tanto, recorreremos à Sociolinguística Variacionista, que aborda o estudo da língua em sociedade, argumentando que questões sociais estão atreladas ao comportamento linguístico dos falantes. Para essa subárea da Linguística, a fala das diversas comunidades pode ser analisada, tendo em vista que as variações e as mudanças linguísticas não são aleatórias, mas condicionadas por determinados contextos de ordem sociais e linguísticos. As descrições sociolinguísticas entendem a variação e a mudança como um processo natural, e todas as línguas estão submetidas a esse processo. Sendo assim, a heterogeneidade da língua é inerente ao sistema e passível de sistematização (LABOV, 2008 [1972]).

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e controlamos além da variável dependente, *nós* e *a gente* na posição de sujeito, as variáveis independentes paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, saliência fônica, tempo verbal, determinação do referente, sexo/gênero e faixa etária. Nosso intuito é verificar a frequência de uso das variantes *nós* e *a gente*, os grupos de fatores linguísticos e/ou sociais que condicionam a variação em análise, bem como verificar se estamos diante de uma variação estável ou mudança em progresso.

O artigo está organizado em quatro partes além desta introdução. Na seção 1, expomos os principais aspectos da comunidade em estudo; em seguida, na seção 2, descrevemos os

passos metodológicos para a coleta de dados. Na seção 3, apresentamos os resultados obtidos para variável dependente *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas, bem como focalizamos a descrição e análise das variáveis estatisticamente significativas por ordem de relevância estatística estabelecida pelo programa computacional GoldVarb X, a saber, paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero e preenchimento do sujeito. Por fim, apresentamos as nossas considerações.

1 - A COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

A comunidade quilombola Serra das Viúvas fica a aproximadamente 4km da cidade de Água Branca, que se localiza no sertão alagoano e possui cerca de 20 mil habitantes. Segundo dados extraídos da *Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (AMAQUI)*, a comunidade possui 86 famílias, cerca de 70 residências e exatamente 226 moradores. Dentro do quilombo, não há hospitais ou posto saúde, os atendimentos acontecem na cidade ou em povoados vizinhos, também não há água encanada nem saneamento básico.

A comunidade Quilombola Serra das viúvas, como as demais comunidades do Município de Água Branca, é rural e agrícola. Seus moradores encontram diversos meios para a sobrevivência, como agricultura familiar, produção de farinha de mandioca e seus derivados, artesanatos de palha e cipó, corte de cana-de-açúcar nas usinas, que ficam na zona litorânea dos estados de Alagoas e Sergipe, trabalho doméstico, vendas porta a porta, pedreiros, entre outros.

A maior parte das mulheres da comunidade está inserida no programa governamental Bolsa Família. Aproximadamente 20 mulheres estão inseridas no Programa de Aquisição de Alimentos Estadual, no qual elas vendem produtos, como frutas, verduras, feijão, farinha de mandioca e também seus derivados, bolos de diversos sabores e outros alimentos. Todos os produtos são retirados da agricultura familiar, produtos orgânicos que são adquiridos pelo governo do Estado para merenda escolar da região.

A comunidade dispõe de uma escola que funciona no turno matutino, com turma multisseriada do primeiro ao segundo ano do ensino básico. Os alunos da comunidade, ao concluírem o segundo ano, vão estudar na cidade de Água Branca ou nos povoados vizinhos, e o governo estadual e municipal fornecem transporte para o deslocamento.

Relatos orais dos idosos da comunidade afirmam que o pequeno povoado recebera inicialmente o nome de Paudalho, e, no início de sua povoação, possuía em suas extensões três famílias tradicionais com pai, mãe e filhos. No entanto, com o passar dos anos, os três homens morreram e as famílias ficaram sendo administradas pelas figuras femininas, e aquele pequeno povoado passou a ser a Serra que tinha três viúvas, e, por isso, Serra das Viúvas.

Não há ninguém na comunidade que saiba informar se os primeiros moradores eram negros, escravos ou fugitivos. Por não haver nenhuma outra explicação cabível para a origem do nome, os moradores do quilombo contentaram-se com a hipótese acima descrita.

Em relação ao surgimento da comunidade como remanescente quilombola, uma das

hipóteses é a de que os escravos vindos de Recife, negando-se a trabalhar, fugiam do alcance do Barão e seus capatazes para Serra das Viúvas, entrando mata adentro por entre as Serras de Água Branca. O capitão Mor Joaquim Siqueira Torres (Barão de Água Branca) foi um grande latifundiário, fazendeiro, político e construtor de grandes obras voltadas para o progresso, obrigava os escravos a erguer suas construções.

No que diz respeito aos moradores da comunidade, há relatos de familiaridade entre Serra das Viúvas e outros quilombos. Muitos moradores da comunidade se dizem parentes de pessoas dos outros quilombos de Água Branca e também de comunidades quilombolas de Delmiro Gouveia e Pariconha, que são municípios vizinhos a Água Branca.

Há na comunidade três trilhas ecológicas, que vão da comunidade quilombola em direção à cidade de Água Branca e vice-versa. A mais famosa e frequentada é a Trilha da Pedra do Vento. No decorrer do seu percurso, a trilha passa por uma localidade muito ventilada, onde se concentra um grande volume de pedras e lajeiros que avista todas as regiões vizinhas. A paisagem bastante exótica atrai pessoas de toda parte, que visitam a comunidade e compram seu artesanato. Os visitantes muitas vezes optam por tomar um café ou almoço regional feito pelas mulheres quilombolas.

A Associação (*AMAQUI*) é composta atualmente por aproximadamente 50 mulheres, com faixa etária de 18 a 60 anos, a grande maioria é artesã. A associação é a maneira como a comunidade encontrou para se mobilizar e tomar todas as decisões que envolvem o quilombo. Todos os assuntos que dizem respeito à comunidade são discutidos nesse coletivo e todas as pessoas ou instituições que desenvolvem trabalhos ou ações na comunidade são recebidas e orientadas pela *AMAQUI*.

Os artesanatos produzidos pelas artesãs são diversificados. A inovação é o ponto crucial das artesãs. A associação trabalha com palha de ouricurizeiro, palha de bananeira, palha de milho, cipó de todas as espécies, renda singeleza, pintura, reciclagem de sacolas plásticas etc.

A comunidade quilombola Serra das Viúvas já foi apontada várias vezes como o quilombo mais completo da região, tendo em vista que se destaca no artesanato, na culinária, na agricultura e em muitos outros aspectos. As mulheres unidas através da associação avançaram e continuam a buscar melhorias para si e para os membros da comunidade.

2 - METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a composição da amostra sincrônica da comunidade quilombola Serra das Viúvas, consideramos o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que diz ser remanescentes das comunidades dos quilombos grupos étnico-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. São, de modo geral, comunidades oriundas daquelas que resistiram à brutalidade do regime escravocrata, que, mantendo suas tradições culturais, aprenderam a tirar seu sustento dos recursos naturais disponíveis.

Na comunidade quilombola Serra das Viúvas, são considerados quilombolas todos aqueles que nasceram e vivem até os dias atuais na comunidade, além de pessoas com origem em outros

quilombos, mas que atualmente residem na comunidade.

Para nossa amostra, selecionamos apenas pessoas sem escolarização, haja vista que, na comunidade, há um alto índice de pessoas sem escolarização, optamos por compor a amostra apenas com pessoas sem nenhuma escolarização. Delimitamos também que o falante deveria ter nascido no quilombo ou em outros quilombos, mas não poderia ter se afastado da comunidade por tempo superior a cinco anos consecutivos. A amostra foi estratificada segundo as variáveis sexo/gênero (Masculino/ Feminino) e faixa etária (F1 – 25 a 50 anos e F2 – 60 anos em diante). É importante ressaltar que o *corpus* da presente pesquisa faz parte do projeto *A Língua Usada no Sertão Alagoano* (LUSA).

Na estratificação da amostra, selecionamos cinco informantes por célula e obtivemos um total de 20 informantes a serem entrevistados (cf. GUY; ZILLES, 2007), que compreenderam a importância da pesquisa para a comunidade e assim consentiram a entrevista, não só assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas também afirmando que estariam disponíveis para o que fosse necessário. Como fazemos parte da comunidade e temos contato diário com todos os informantes selecionados, não nos preocupamos com o paradoxo do observador¹ Labov (2008 [1972]).

Após delimitar a amostra da pesquisa, fizemos a coleta. Para a obtenção dos dados, elaboramos uma ficha da amostra sociolinguística contendo algumas informações dos falantes a serem entrevistados: nome, naturalidade, sexo/gênero (Masculino/Feminino) e faixa etária (F1- 25 a 50 anos/ F2 60 anos em diante). Também elaboramos um questionário-guia de entrevistas, com tópicos de conversa, a saber:

1. Fale-me sobre os aspectos da comunidade quando você era criança.
2. Como eram as festas dos antigos casamentos?
3. Quais eram os alimentos produzidos e consumidos na comunidade?
4. O que você acha das festas culturais da comunidade?
5. E quanto à assistência médica, transporte, segurança e moradia?
6. Fale-me da sua profissão.
7. Como é o seu dia de trabalho?
8. Onde você prefere passar seus dias de lazer?
9. Fale-me de um passeio ou viagem que você fez e achou interessante.
10. Quais ações são necessárias para que a comunidade venha a alcançar seus direitos descritos no estatuto da igualdade racial?

Nossas entrevistas aconteceram nas residências dos entrevistados, no mês de março de 2016, e, para manter a espontaneidade do entrevistado, as interferências geralmente ocorriam para estimular a continuidade da fala. As entrevistas possuem uma média de 9 a 18 minutos². Assim,

1. Segundo Labov (2008), o paradoxo do observador é a relação entre pesquisador e pesquisado durante a realização da coleta de dados de fala. Consiste na interferência que a presença do pesquisador causa na fala do pesquisado. Durante a pesquisa, o pesquisador corre o risco de intimidar o falante pela sua presença e o estranhamento dos objetos utilizados na gravação, fazendo o falante não utilizar a fala espontânea

2. A duração das entrevistas difere das entrevistas sociolinguísticas pelo fato de os entrevistados selecionados responderem brevemente as perguntas e, como houve predominância de entrevistas com duração de 9 a 18 minutos,

gravamos 256 minutos e 44 segundos de fala, totalizando mais de 4 horas de entrevistas. Realizadas todas as entrevistas, obtivemos uma amostra da comunidade de fala quilombola Serra das Viúvas.

Após a realização de todas as entrevistas, o passo seguinte foi transcrevê-las, com o objetivo de capturar de forma mais fidedigna possível a fala dos informantes. Para tanto, seguimos o Protocolo de Transcrição do Projeto A Língua Usada em Alagoas (LUAL)³, segundo o qual todas as entrevistas gravadas tiveram transcrição ortográfica, ou seja, procuramos seguir a ortografia oficial, mas registrando o máximo de questões características da fala coletada, conforme podemos observar no trecho transcrito a seguir:

(1) Farofa cum carne arroiz e macarrão cabá a gente ia cumê bebê vi:inho tumá vinho refrigerante na cabá ia dançá a noite toda o resto da tarde e a noite toda que os casamento era de manhã o meu mermo foi de dez hora quando chegemo impilotemo na dança. L1FF1⁴

As transcrições dos dados foram feitas com o auxílio do programa computacional Express Scribe, que pode ser obtido gratuitamente na internet e serve como auxílio ao pesquisador na tarefa de transcrição do registro de áudio. A escolha desse programa deu-se pela facilidade e praticidade em executar diversas tarefas em uma única janela. Realizadas as transcrições, fizemos uma leitura de revisão para checar se os dados transcritos estavam de acordo com as falas coletadas e, após essa correção, analisamos a variação em estudo.

3 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 - VARIÁVEL DEPENDENTE *NÓS* E *A GENTE* NA POSIÇÃO DE SUJEITO

A representação da primeira pessoa do plural na posição de sujeito no português brasileiro é variável e apresenta duas formas concorrentes, a saber, *nós* e *a gente*. Lucchesi, Baxter, Ribeiro (2009) afirmam que comunidades rurais e afrodescendentes, principalmente com falantes sem escolarização, como é o caso da comunidade em questão, tendem a ser mais conservadoras. Nesse caso, a hipótese seria que haveria uma predominância pelo uso da variante *nós*. No entanto, para a nossa análise, partimos do pressuposto de que estamos diante de uma regra variável, com *a gente* sendo a variante preferida nesse contexto de uso da língua, uma vez que Feitosa e Vitória (2018), analisando a fala do sertão alagoano, onde se situa a comunidade, constataram que a preferência dos falantes é pela variante *a gente*.

Após análise dos dados, computamos 429 ocorrências de aplicação dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na posição de sujeito, que estão distribuídas em 241 realizações de *a gente*

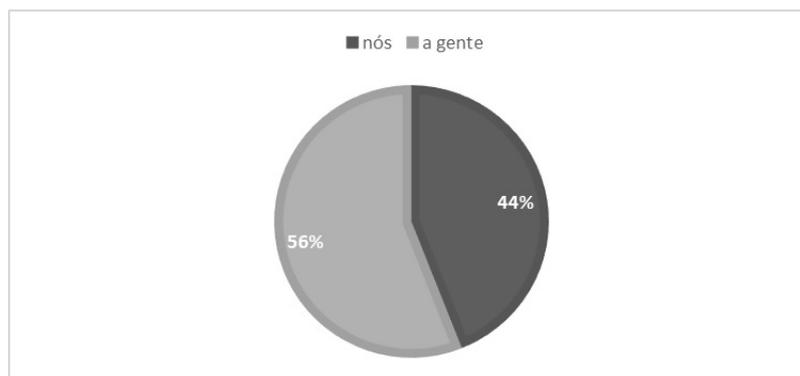
optamos por considerar essas durações.

3. Coordenado pela Prof^a Dr^a Denilda Moura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

4. A identificação de cada falante se deu pela letra L seguida do número da transcrição, o Sexo/gênero feminino foi representado por F e masculino por M. Para falantes de 25 a 50 anos, utilizamos F1; para falantes de 60 anos em diante, F2.

e 188 realizações de *nós*. Esses números mostram percentuais de 56% para *a gente* contra 44% de *nós*, conforme gráfico 1, revelando que *a gente* é a variante mais utilizada para representar a primeira pessoa do plural, entretanto, também devemos nos atentar para o fato de que as ocorrências da variante *nós* são frequentes e a diferença entre ambas é relativamente pequena. A preferência por *a gente* pode estar associada ao comportamento social da comunidade que mantém contato com falantes das regiões circunvizinhas do sertão alagoano, conforme Feitosa e Vitória (2018).

Gráfico 1: Percentuais de *nós* e *a gente* na posição de sujeito



Fonte: Autoras

Os dados comprovam a hipótese deste trabalho de que há variabilidade no dialeto do português brasileiro falado na comunidade quilombola Serra das Viúvas em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, bem como corroboram as descrições sociolinguísticas de que *a gente* é a variante preferida nas variedades brasileiras (VIANNA; LOPES, 2015). Com a hipótese de comportamento variável comprovada, buscamos analisar e compreender os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem as variantes em questão. Para tanto, apresentamos as variáveis estatisticamente significativas de acordo com o programa GoldVarb X.

3.2 - VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVAS

Apresentamos cada uma das variáveis independentes contempladas neste trabalho, tomando por base os contextos estruturais e sociais que propiciam ou não a variante *nós* e a variante *a gente*, e as hipóteses para cada uma das variáveis independentes. Apresentamos também tabelas e/ou gráficos para representarmos o número de ocorrências de cada variante no processo de quantificação dos dados. As variáveis significativas são aquelas que condicionam a variação em estudo. O programa selecionou seis variáveis significativas, nesta sequência: paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero, preenchimento do sujeito e determinação do referente.

3.2.1 - PARALELISMO FORMAL

A variável paralelismo formal foi a primeira das variáveis selecionadas pelo programa e foi dividida em quatro fatores, a saber: realização isolada, que é a realização única de uma das variantes na sentença, como em (2) e (3); primeira da série, que é a primeira realização de uma das variantes na sequência discursiva, sendo que há outras realizações seja da mesma variante ou de outras variantes como em (4) e (5); antecedida por *a gente*, é quando a variante *nós* ou *a gente* é antecedida por *a gente* numa mesma sequência discursiva como em (6); e antecedida por *nós*, que acontece quando a variante *nós* ou *a gente* aparece antecedida por *nós*, como em (7).

(2) Siviço de casa *a gente* não fazia L1F1F

(3) E *nós* sem saber L1F1F

(4) *A gente* chega lá num tem - ah num tem *a gente* volta e tem que ir pá Delmiro L3F1F

(5) *Nós* dava que *nós* queria assistir música, *nós* dava no radio né - e o rádio era carrego minha fia L17F1F

(6) *A gente* faz uma brincadera na casa da gente quando Ø pensa que não tá pió bagunça ai *a gente* as veze pá Ø evitá de bagunça Ø já num faz a festa. L6F1M

(7) Pra isso pricisa fazê pra *nois* aqui um posto de saúde que *nois* num temos aqui na Serra das Viúvas L3F1F

De acordo com Scherre (1998), o paralelismo formal se refere ao contexto linguístico em que a realização de uma forma tende a ocasionar a repetição da mesma forma em uma sentença ou em uma sequência discursiva. Tomando por base a exposição de Scherre (1998), partimos do pressuposto de que a forma *a gente* tem um percentual elevado de ocorrências quando antecedida por *a gente*, como mostram os exemplos (8) e (9).

(8) Como *a gente* só agora só tem comprado só /mas, mar/ nesse tempo *a gente* mermo prantava pa cumê, né? Os pai - o milho *a gente* ia fazê fazia muncunzá aquele muncunzá cum carne dento - Ø fazia é - o cuscuz do milho, depois Ø butava o milho de molho depois a gente é - é Ø muia no muinho penerava L3F1F

(9) pros quilombolas né e muitas coisa que *a gente* tem direito - arrente muitas coisas *arrente* não sabe - dos direito tudo - da parte de empregado eu sei os direito que *a gente* tem mais essa parte ai num tô bem por dentro dessas partes não de quilombola que eu num acompanho bem esses negócios L12F1M

A Tabela 1 evidencia que a aplicação da variante *a gente*, na comunidade quilombola Serra das Viúvas, foi maior quando antecedida por *a gente*, com um percentual de 90% e um peso relativo de .84⁵. Esse resultado confirma, dessa forma, mais uma das hipóteses deste trabalho e assemelha-

5. De acordo com Guy e Zilles (2005, p. 41), os valores obtidos no peso relativo indicam que “um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 indica um fator que desfavorece a regra e um valor exatamente igual a 0,5, corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (ou seja, em nada contribui para a sua maior ou menor aplicação)”.

se aos estudos de Vitório (2017b) e Vitório e Feitosa (2018), que mostram que esse contexto linguístico tende a favorecer a realização de *a gente*.

Tabela 1: Variação *nós* e *a gente* de acordo com o paralelismo formal

Paralelismo Formal	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Realização isolada	52	101	51%	45	49	101	48%	55
Primeira da série	39	97	40%	46	58	97	60%	54
Antecedida por a gente	14	141	10%	16	127	141	90%	84
Antecedida por nós	83	90	92%	94	7	90	8%	06

Fonte: Autoras

Podemos observar também que, depois do fator “antecedida por *a gente*”, temos o fator realização isolada que também apresenta um valor significativo, com um percentual de 48% e peso relativo .55. Ainda em relação à realização da variante *a gente*, podemos verificar que o fator primeira da série também se destaca como relevante, uma vez que apresenta um percentual de 60% e um peso relativo .54, ao passo que o fator que desfavorece a aplicação de *a gente* é a realização da variante *nós* na anteposição de *a gente*, com peso relativo .06.

No que diz respeito à aplicação da variante *nós*, podemos depreender que, de todos os fatores, o único que se destacou com nível de relevância para esta variante foi antecedida por *nós*, como em (10) e (11), apresentando um percentual de 92% e peso relativo .94.

(10) Até que ela criou *nós* - depois que criou houve uma abandono de pai e de mãe e *nós* ficemos filho abandonado L16F2M

(11) Aí *nós* dava eu comprava uma M. comprava outra comadre G. outra comadre P. não que era mais nova mais piquena né mais carmelita se dava e não queria dá e *nós* mandava trazer de Delmiro mãe ia mãe ia vender ne Delmiro e *nós* mandava mãe trazia quando mãe chegava que mãe chegava com os carrego mãe entregava *nós* já mandava mãe descontar do dinheiro que levava as bassora pra vender L17F2F

3.2.2 - MARCA MORFÊMICA

A variável marca morfêmica foi a segunda considerada estatisticamente significativa e apresenta dois fatores, a saber: marca morfêmica de terceira pessoa do singular, quando o verbo conjugado com *nós* ou *a gente* está na terceira pessoa do singular como exposto em (12) e (13), e marca morfêmica de primeira pessoa do plural, quando o verbo que está sendo conjugado com *nós* ou *a gente* está na primeira pessoa do plural (14) e (15). Feitosa e Vitório (2017) mostraram que, na comunidade do sertão alagoano, *nós* tende a ser mais frequente com morfema – *mos*, e *a gente* tende

a ocorrer com a marca morfêmica – zero. Como a comunidade pesquisada está também inserida na região da pesquisa de Vitorio e Feitosa (2017), acreditamos que *a gente* é mais favorecida com marca morfêmica de terceira pessoa do singular.

- (12) E aí *a gente ia* fazê trança L13F2F
 (13) A água *nós botava* na cabeça L14F2F
 (14) *A gente sofremos* muito, *Ø ia* pro mato tirá paia pra fazê bassora L5F1M
 (15) Esse quartinho ai *nós mandemo* trazer a cama dele praí L13F2F

De acordo com os nossos resultados, conforme tabela 2, a variante *a gente* é condicionada pela presença de marca morfêmica de terceira pessoa do singular. Isso faz com que comprovemos nossa hipótese, pois 63% das ocorrências de *a gente* apresentam marca morfêmica de terceira pessoa do plural e peso relativo .60. Já a aplicação de marca morfêmica de primeira pessoa do plural, para a mesma variante, aparece com um percentual de 11% e peso relativo .07. Por outro lado, a variante *nós* é mais recorrente com a marca morfêmica de primeira pessoa do plural, com um percentual de 89% de aplicação e peso relativo .93.

Tabela 2: Resultado da aplicação de *nós* e *a gente* de acordo com a marca morfêmica

Marca Morfêmica	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Terceira pessoa do singular	139	374	37%	40	235	374	63%	60
Primeira pessoa do plural	49	55	89%	93	6	55	11%	07

Fonte: Autoras

É importante salientar que casos, como (14), de *a gente* com verbo com marca morfêmica de primeira pessoa do plural foram escassos. Na tabela 2, podemos observar que foram seis aplicações em todo o *corpus*, sendo que das seis aplicações apenas duas foram de sujeito pleno, nos outros casos os falantes faziam a aplicação de marca morfêmica de primeira pessoa do plural mediante a antecedência de *a gente* e aplicação de sujeito nulo, como em (16) e (17).

- (16) Mais pá trais *a gente* não tinha as coisa *Ø sofremos* muito L5F1M
 (17) *A gente* se reúne quando acabá *Ø vam* na casa de todas as pessoa, e cada uma pessoa dá um prato de cumida e nois faz a festa junto, todo mundo junto L3F1F

3.2.3 - FAIXA ETÁRIA

A variável faixa etária é muito importante nas pesquisas sociolinguísticas, pois seus resultados permitem as projeções sobre os rumos da variação, indicando uma variação estável ou mudança em

progresso (LABOV, 2008 [1972]). De acordo com os resultados obtidos, podemos ter uma visão do progresso da variação na comunidade de fala estudada. Para tanto, utilizamos dois grupos de fatores de análise: F1 – de 25 a 50 anos e F2 – de 60 anos em diante.

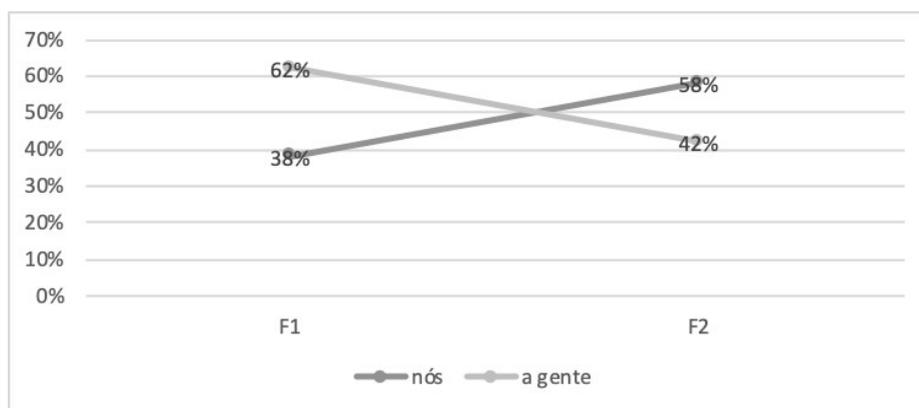
Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) pesquisaram quatro comunidades rurais e quilombolas e, nos seus resultados, observaram que os mais jovens são os que optam preferencialmente pela variante *a gente*. Tomando por base essa pesquisa, nossa hipótese é a de que falantes mais jovens, da faixa F1, fazem maior uso da variante *a gente* do que os falantes mais idosos, faixa F2, uma vez que os falantes mais jovens da comunidade mantêm mais contatos com falantes de outras comunidades e regiões. Vejamos nossos resultados na tabela 3 e gráfico 2.

Tabela 3: Variação *nós* e *a gente* de acordo com a faixa etária

Faixa Etária	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Faixa etária 1	115	304	38%	41	189	304	62%	59
Faixa etária 2	73	125	58%	69	52	125	42%	31

Fonte: Autoras

Gráfico 2: Percentuais de *nós* e *a gente* de acordo com a variável faixa etária



Fonte: Autoras

Da observação da tabela 3, apreendemos que a faixa etária 1 é a que mais utiliza a variante *a gente*, com um percentual de 62% e .59 de peso relativo. Os menores índices de aplicação dessa variante se concentram na faixa etária mais alta com um percentual de 42% e peso relativo .31. Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que os falantes mais jovens tendem a fazer mais uso de *a gente*. Conforme podemos observar no gráfico 2, nossos resultados vão ao encontro dos resultados de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), com a faixa etária mais jovem aplicando mais a variante *a gente*, o que pode ser um indício de que estamos diante de um processo de mudança.

3.2.4 - SEXO/GÊNERO

A variável sexo/gênero compreende dois fatores, a saber: masculino e feminino. Os estudos mostram que as mulheres estão preferindo a variante *a gente*, atestando que os homens são mais conservadores (VIANNA; LOPES 2015; VITÓRIO 2017b; VITÓRIO; FEITOSA 2018). No entanto, a nossa hipótese para este trabalho é a de que os homens utilizam em menor quantidade a variante padrão e preferem a utilização de *a gente*, tendo em vista que a maioria dos homens da comunidade se afasta por um período de seis a oito meses para trabalhar em usinas de cana-de-açúcar ou construtoras fora e dentro do estado de Alagoas. Assim sendo, pressupomos que estes homens entram em contato com outras normas e tendem a aderir a norma não padrão.

Tabela 4: Variação *nós* e *a gente* de acordo com o sexo/gênero

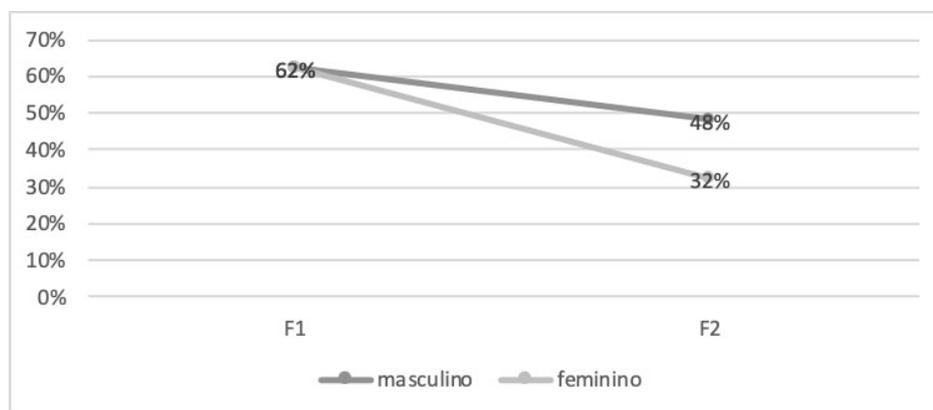
Sexo/Gênero	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Feminino	122	283	43%	58	161	283	57%	42
Masculino	66	146	45%	34	80	146	54%	66

Fonte: Autoras

Na tabela 4, observamos que há um equilíbrio nos dois fatores nos percentuais. Entretanto, podemos dizer que, na comunidade em estudo, os homens tendem a utilizar mais a variante *a gente*, com percentual de 54% e peso relativo .66, contra 57% do sexo/gênero feminino e peso relativo .42, uma diferença mínima que denota um equilíbrio nessa variável. Nossa hipótese para esta variável foi confirmada. Em contrapartida, podemos afirmar que as mulheres fazem mais a aplicação da variante *nós* em relação à variante *a gente*, uma vez que apresentam um percentual de 43% e peso relativo .58.

Ainda com o intuito de checar a atuação da variável sexo/gênero, realizamos o cruzamento dessa variável com a variável faixa etária e obtivemos os seguintes dados.

Gráfico 3: Percentuais de *a gente* nas variáveis faixa etária e sexo/gênero



Fonte: Autoras

De acordo com o gráfico 3, verificamos que *a gente* é a forma preferida tanto entre as mulheres quanto entre os homens da faixa etária F1 (25-50 anos), com um percentual de 62%. Observamos também que os homens da faixa etária F2 (60 anos em diante) chegam a ser mais adeptos da variante *a gente* que as mulheres dessa faixa, visto que os homens apresentam um percentual de 48% *versus* 32% das mulheres. Sendo assim, podemos concluir que as mulheres da faixa etária F2 (60 anos em diante) são as que apresentam um comportamento linguístico mais conservador dentro da comunidade quilombola Serra das Viúvas.

3.2.5 - PREENCHIMENTO DO SUJEITO

A variável preenchimento do sujeito foi separada em dois fatores, sujeito preenchido e sujeito nulo, como (18) e (19). As pesquisas de Rubio (2015) e Vianna e Lopes (2015) mostram que, nas variedades brasileiras, os falantes tendem a preencher o sujeito foneticamente, como em (20) e (21), e a realização implícita do sujeito pronominal desfavorece o uso de *a gente*. Assim, a variante *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente. Tomando por base essas pesquisas, pressupomos que, na comunidade em estudo, o fator sujeito preenchido favorece a variante *a gente* e o fator sujeito nulo desfavorece sua aplicação.

- (18) *A gente* butava rapadura Ø butava é andu e Ø butava o café e Ø torrava Ø pisava e Ø fazia o café L3F1F
 (19) *A gente* saiu na sexta fêra Ø cheguemo no domingo nós cheguemo lá Ø durmimo Ø fumo pro outo lugá L5F1M
 (20) *Nós* num somus parente L16F2M
 (21) Mais *a gente* - num sabia trabaiaá cavá cova ele num sabia L13F2F

Tabela 5: Variação *nós* e *a gente* de acordo com o preenchimento do sujeito

Preenchimento do Sujeito	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Sujeito preenchido	166	340	49%	57	174	340	51%	43
Sujeito nulo	22	89	25%	24	67	89	75%	76

Fonte: Autoras

Os resultados não corroboram a nossa hipótese, uma vez que o sujeito nulo é quem mais proporciona a aplicação de *a gente*, com um percentual de 75% e peso relativo .76, contra um percentual de 51% e um peso relativo de .43 para o sujeito preenchido. Entretanto, é importante ressaltar que, em todas as ocorrências de *a gente* com sujeito nulo, há uma primeira ocorrência do sujeito preenchido, como exposto em (18) e (19). Essas realizações mostram que o falante opta por marcar o seu sujeito foneticamente para deixar evidente sua opção, e, posteriormente, na mesma sequência discursiva, opta por não mais preencher a posição do sujeito. É como se depois de deixar

clara sua escolha pronominal, o falante se sentisse livre para não mais utilizá-la.

Observamos também que quando o falante opta pela variante *nós* tende a preferir o preenchimento do sujeito, uma vez que a variante apresenta um percentual de 49% e peso relativo .57 contra um percentual de 25% e um peso relativo de .24 para o sujeito nulo. Conforme os exemplos (22) e (23), e demonstrando que diferentemente dos resultados de Lopes e Vianna (2015) e Rubio (2015), os falantes da comunidade quilombola Serra das Viúvas preferem utilizar o pronome *nós* em posição de sujeito explícito.

(22) Em casa mermo *nós* era um bucado L10F2M

(23) *Nós* tinha que butá pra fera era assim L13F2F

3.2.6 - DETERMINAÇÃO DO REFERENTE

A última variável selecionada como estatisticamente significativa foi a determinação do referente, que foi separada em dois fatores: referente determinado, que se refere a um grupo específico no qual o falante se inclui, como em (24) e (25), e referente indeterminado, que é um grupo não tão específico, no qual há uma generalização, sendo uma espécie de sujeito indeterminado como em (26) e (27). A nossa hipótese é a de que o referente indeterminado favorecerá a aplicação da forma *a gente*

(24) E *nois* sem saber L1F1F

(25) O qui *a gente* tinha era muito poco pá fazê um casamento L4F1F

(26) *Nois* erremo então *nois* temo o direito de concertá nossos erro L4F1F

(27) *A gente* quer fazê um doce e num acha L1F1F

Tabela 6: Variação *nós* e *a gente* de acordo com a determinação do referente

Determinação do referente	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Determinado	187	405	46%	52	218	405	54%	48
Indeterminado	1	24	4%	13	23	24	95%	87

Fonte: Autoras

Os resultados mostram que os falantes preferem utilizar a variante *a gente* com o referente indeterminado, tendo em vista que apresenta um percentual de 95% e peso relativo .87. Esses resultados confirmam nossa hipótese de que os quilombolas da Serra das Viúvas preferem utilizar *a gente* como referente indeterminado, como em (28) e (29). Ainda de acordo com a tabela 06, a variante *nós* é preferencialmente aplicada com o referente determinado, pois apresenta um percentual de 46% e peso relativo .52, revelando que os falantes utilizam mais essa variante quando estão se referindo a um grupo específico no qual se inclui, como em (30) e (31).

- (28) *A gente* têm que corrê atrais especialmente os prefeito L5F1M
(29) *A gente* vai uma festa chega lá um quer repará pro oto oto repara se dança bem se dança mal L3F2F
(30) A:i quando era bem cedinho *nois* se atirava *nós* tudo pra nos ajudar levar L1F1F
(31) Meio dia *nois* almoça ai quando é cinco hora a gente para pra volta pra casa de novo L6F1M

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos as realizações da primeira pessoa do plural na fala dos quilombolas da Comunidade Serra das Viúvas Água Branca - Alagoas, com o objetivo de verificar o comportamento variável dessa comunidade de fala em relação ao fenômeno em estudo. Ao partirmos do pressuposto de que as variações dentro das comunidades ocorrem em função de condicionamentos linguísticos e sociais, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008[1972]), que aborda os usos variáveis da linguagem em seu contexto social.

Com a observação do comportamento variável, no que diz respeito à representação da primeira pessoa do plural não sendo aleatória, mas motivada por restrições linguísticas e sociais, realizamos uma análise quantitativa através do programa GoldVarb X, com o intuito de responder as seguintes questões: há variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas? Considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de *nós* ou *a gente*?

Após a análise dos dados, constatamos que há variação de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, marca morfêmica, faixa etária, sexo/gênero, preenchimento do sujeito e determinação do referente. Os contextos que mais favorecem a aplicação de *a gente* são *a gente* antecedido de *a gente*, verbos com marca morfêmica de terceira pessoa do singular, faixa etária mais jovem, sexo/gênero masculino, sujeito nulo e referente indeterminado. Verificamos, ainda, que as variáveis saliência fônica e tempo verbal não são significativas para a variação.

Observando os resultados obtidos em estudos sociolinguísticos na alternância entre *nós* e *a gente* no português brasileiro, podemos citar alguns com foco no ambiente urbano como Seara (2000), Tamanine (2002), Omena (2003), Fernandes (2004), Vitória (2016), todos esses obtiveram resultados semelhantes, a variante *a gente* com maior índice de uso do que a variante *nós*. Nas regiões interioranas, estudos como os de Mendes (2007) e Feitosa (2017) apontam para um cenário parecido. O trabalho de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), com moradores de quatro comunidades rurais afro brasileiras isoladas de diferentes regiões do Estado da Bahia, não mostrou resultado diferente dos já alcançados na análise de outras variedades do português brasileiro, a variante *a gente* é mais utilizada que *nós*.

Diante deste quadro, não podemos afirmar que, na alternância entre *nós* e *a gente*, a variante *a gente* é preferencialmente utilizada em todo o território brasileiro. No entanto, podemos destacar que os estudos que embasam esta pesquisa indicam a preferência da variante *a gente* para ocupar a posição de pronome de primeira pessoa do plural. Na comunidade quilombola Serra das Viúvas, os resultados mostram que a variante *a gente* também é a forma preferida, apesar de que os índices da aplicação de *nós* são consideráveis, tendo em vista que houve um percentual de 44% de aplicação, e, apesar de maior utilização de *a gente*, não podemos desconsiderar esses dados.

Com esse estudo, começamos a delimitar o comportamento variável de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na variedade do português brasileiro falado pelos quilombolas da Serra das Viúvas. Esse é o segundo trabalho realizado dentro da comunidade na área da Sociolinguística Variacionista. Esperamos com esta pesquisa contribuir para o conhecimento da realidade linguística dessa comunidade, bem como despertar o interesse dos estudiosos nesse campo para maiores aprofundamentos sobre o fenômeno de *nós* e *a gente* em outras comunidades.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon. 2008.
- FEITOSA, J. G. *A Variação nós e a gente na posição do sujeito no sertão alagoano*. 71f. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas Delmiro Gouveia, 2017.
- FEITOSA, J.; VITÓRIO, E. Variação nós/a gente no sertão alagoano: restrição e avaliação. *Revista A Cor das Letras*, v. 19, p. 199-211, 2018.
- FERNANDES, E. Fenômeno Variável: nós e a gente. In: Hora, D. (Org). *Estudos sociolinguística: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. *DELTA*. v. 32, n. 4, 2016.
- GUY, G. e ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LUCCHESI, D. BAXTER, A. RIBEIRO, I. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MENDES, R. P. S. *O Perfil da Alternância do Sujeito Nós e A gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia*. Dissertação. 2007. (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M.C., DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, FAPERJ/ Contracapa. 2003.

RUBIO, C. A importância da metodologia no estudo da alternância pronominal e da concordância verbal de primeira pessoa do plural. *Cuadernos de la ALFAL*. P90-106, nº 7 março de 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo Linguístico. Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.

TAMANINE, A. *A alternância nós e a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba. UFSC, p. 159 – 172, 2002.

VIANNA, J.; LOPES, C. Variação dos Pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/*AL. MATRAGA*, v. 24, p. 67-91, 2017a.

VITÓRIO, E. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/*AL. Letrônica*. Porto Alegre, v.10,n 1, p.122-138, janeiro-julho, 2017b.

Maria Helena Menezes de Souza

Possui Graduação em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas, Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Candido Mendes, Mestre em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas, doutoranda em Linguística e Literatura na Universidade Federal de Alagoas. E-mail: mariahelena2106@gmail.com

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Possui Graduação em Letras e Especialização em Linguística e Ensino do Português pela Universidade Federal do Ceará, Mestrado e Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Estágio de Pós-Doutorado na Pós-Graduação em Letras Vernáculas de Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora de Linguística da Universidade Federal de Alagoas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com

Recebido em 20/03/2021.

Aceito em 30/05/2021.